



FOTOGRAFIA E HISTÓRIA ORAL: IMAGENS E MEMÓRIAS DE TRABALHADORES DA ICOMI NO AMAPÁ

Elke Daniela Rocha Nunes*

Resumo

Este artigo visa discutir o uso combinado da história oral com a fotografia como uma possibilidade de suprir lacunas oriundas da não existência do documento ideal, ou seja, daquele que poderia responder a todas as indagações do pesquisador, para se estudar o controle social exercido pela Indústria e Comércio de Minérios S/A (ICOMI) sobre seus trabalhadores na exploração de manganês no Amapá. Para tanto, algumas ressalvas sobre o alcance, limite, particularidades e similitudes sobre ambas as técnicas foram levantadas ao longo do texto.

Palavras-chave: História oral; fotografia; ICOMI.

*Professora de História do Governo Estado do Amapá,
Doutoranda em História pela Universidade do
Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
elkedani@hotmail.com

Compreender um grupo social, mesmo que pequeno e com poucos membros é uma difícil tarefa. Decorre daí a necessidade de não poupar esforços e/ou recursos, técnicas, métodos que permitam elucidar o máximo possível dessa realidade que se prontifica a desvendar. Para tanto, é imperioso fazer uso de quantas possíveis ferramentas disponíveis para alcançarmos os objetivos.

Podemos afirmar que amplo é o uso da fotografia hoje nas ciências humanas. Na sociologia e na antropologia, a fotografia é uma técnica vastamente difundida e utilizada, tanto para complementação de idas a campo, como forma direta de estudo de grupos étnicos, de símbolos ou o significado destes símbolos. Mesmo sendo opulenta em detalhes, a fotografia, no entanto, não dá conta da totalidade das informações sobre as realidades que se pretende analisar. Por isso ressalta-se então a importância do papel do pesquisador neste momento, tendo a possibilidade de utilizar-se de práticas já difundidas nas ciências humanas, como o uso da história oral, pois esta, assim como a fotografia, faz parte de um rico caudal de informações.

Assim como a palavra, a voz e a memória, guardadas em arquivos gravados que, mesmo sendo uma centelha da memória de sujeitos, as fotografias também são fragmentos do espaço que se pretende compreender e podem se tornar incontáveis memórias de uma comunidade. Por isso vale ressaltar a importância da contribuição da história oral e da fotografia como reveladora de valores, em que se procura registrar aquilo que os sujeitos utilizam para se relacionar com o espaço e a natureza em que vivem.

A partir daí vale chamar a atenção para a citação de Le Goff (1985) no que concerne ao caráter monumental da fotografia:

Materiais da memória coletiva, os documentos são monumentos, na medida em que para além da simples descrição traduzem valores, ideias, tradições e comportamentos que permitem tanto recuperar formas de ser e agir dos diferentes grupos sociais, em diversas épocas históricas, como também operar sobre as representações que deles ainda hoje perduram e atuam como elemento de coesão social para seus descendentes. (LE GOFF, 1985: 39)

A partir de fotografias da localidade que se pretende estudar ou de relatos de moradores, o manto que se faz diante do pesquisador acerca de uma realidade ou de um problema de pesquisa começa a se tornar menos denso. Quando se unem ambas as ferramentas, associadas a visão *in loco* do pesquisador, em trabalho de campo, as partes do quebra-cabeça começam a se manifestar, cabendo, então, a partir do trabalho de pesquisa e do amplo estudo, no qual se insere o diálogo bibliográfico, estabelecer as suas conexões explicativas.

Ao se escolher trabalhar desta forma, deve-se estar ciente das especificidades da linguagem fotográfica, de seus alcances, limites, particularidades e de suas similitudes com outras formas imagéticas. O historiador que escolhe usar o documento fotográfico deve ter em

mente também que o enfoque do fotógrafo pode ter sido escolhido por intenções diferentes das que norteiam a pesquisa. Assim, além dos métodos de contextualização das imagens, para que o estudo incorpore o que está implícito e explícito, o cruzamento das imagens com outros textos e ainda com depoimentos orais torna-se um imperativo para responder aos problemas propostos para a pesquisa. E isso é uma operação que requer a combinação de diferentes métodos de pesquisa.

Uso combinado, eis a máxima que pode suprir lacunas oriundas da não existência do documento ideal, ou seja, daquele que poderia responder a todas as indagações do pesquisador. Todos os cuidados teórico-metodológicos não dispensam o saber do especialista acerca de seu objeto de análise, nem tampouco o cruzamento de diferentes tipos de documentos. Por isso se diz que o trabalho do historiador se inscreve no reino das possibilidades e da verossimilhança com o real.

É evidente que para que se possa empreender um trabalho utilizando ambas as técnicas, diga-se a análise de imagens e a história oral, faz-se necessário a disponibilidade de um acervo bem conservado de imagens e da disponibilidade de depoentes, daí que o interesse por tais recursos se acentuam ao se tentar entender como a ICOMI conseguiu manter o controle social sobre seus trabalhadores, uma vez que no seu arquivo¹⁹ encontra-se um rico acervo de imagens, fotografias, as quais algumas delas já foram catalogadas e também a disponibilidade e já um contato prévio com pessoas envolvidas no projeto.

Memória

Vale ressaltar que a fotografia não fala por si mesma. Pode-se dizer, então, que não é possível, a partir de uma ou algumas fotografias, desvelar todas as relações, dinâmicas e processos presentes em uma dada realidade, tendo em vista que nosso olhar está voltado para capturar somente o que nos permite a nossa bagagem cultural. Um dos caminhos para uma compreensão mais densa das comunidades advém do uso de entrevistas, tendo por base a gravação de depoimentos dos sujeitos envolvidos no Projeto ICOMI, que tem como foco a busca do aprofundamento da interpretação das práticas em que se inserem os sujeitos da pesquisa, sendo que o uso do gravador tornou-se instrumento fundamental, tomado a partir de diversas experiências de pesquisa.

Chamamos este momento de **trabalho de campo** e paralelamente a ele foram levantadas fontes oficiais, informais e evidência oral (entrevistas) que foram confrontadas com

¹⁹ Localizado na Av. D1, Vila Amazonas, Santana-AP, onde hoje funcionam as instalações do escritório da Mineração Tocantins.

os documentos conseguidos nas viagens e ainda no Arquivo da ICOMI. As entrevistas dirigidas, com tópicos pré-formulados, numa ordem preestabelecida, ou seja, dentro do eixo norteador do objetivo da pesquisa, evitam o “desvio” do entrevistado, sendo necessário elaborar um roteiro para a coleta qualitativa com o grupo dos diretamente envolvidos no empreendimento ICOMI e outro direcionado para os que habitavam a circunvizinhança.

O roteiro se mostra bastante válido, pois se deve considerar que as entrevistas são um tipo de experiência que trabalha basicamente com a memória, assim, o depoente, consciente ou inconsciente, seleciona determinados assuntos para se aprofundar e acabam afastando outros da discussão. Além disso, é sabido que a produção de documentos orais exige do pesquisador um envolvimento especial.

Ratifica-se assim mais uma vez a evidência oral, que permite não apenas incorporar indivíduos ou coletividades até agora marginalizados ou poucos respeitados nos documentos, mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos (GARRIDO, 1993: 36). O grupo entrevistado foi de ex-funcionários e seus familiares, da referida mineradora em questão.

Certa quantidade dos trabalhos já produzidos sobre a ICOMI possui um direcionamento para explicar o viés político-econômico do empreendimento, enfatizando os grandes acontecimentos. Esses estudos acabaram consagrando na historiografia os nomes das principais lideranças políticas da empresa concessionária das jazidas de manganês de Serra do Navio e do então Território Federal do Amapá, conseqüentemente, relegaram a um segundo plano ou simplesmente ignoraram a participação dos demais segmentos sociais, que também tiveram sua participação no percurso do projeto, daí a importância de se trabalhar com a História Oral e as fotografias.

É válido ressaltar a dimensão que a História Oral vem ganhando²⁰ entre os historiadores, pois ela, apesar de ser vista por alguns pesquisadores como um método particular, não se restringe a isso, posto que também seja considerada um meio de estabelecer relações de maior qualidade e profundidade com as pessoas entrevistadas. Essa modalidade é uma reação ao quantitativismo positivista que dominava as ciências sociais há algumas décadas.

Por esses motivos, a História Oral vem sendo muito aceita por historiadores que não a consideram como mera técnica, nem como a “nova” alternativa na tarefa do historiador comprometido com sua gente e seu tempo, mas sim como uma renovação das concepções sobre o envolvimento do historiador com seus sujeitos e problemas de pesquisa. Infelizmente, ainda há historiadores que continuam fazendo pesquisa factual sobre problemas remotos, evitando qualquer envolvimento com interpretações mais amplas ou com questões contemporâneas.

²⁰ Alguns autores não convergem sobre esse caráter atual da História Oral, como Paul Thompson que assevera que ela é tão antiga quanto a própria História.

Para Thompson (1992), a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história:

Enquanto os historiadores estudarem os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (THOMPSON, 1992).

Por outras palavras, é essa evidência oral que permite não apenas incorporar indivíduos ou coletividades até agora marginalizados ou pouco respeitados nos documentos, mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos (GARRIDO, 1993: 36). Os depoimentos orais tendem a contribuir como somatória da representação do passado que predomina na memória coletiva dos trabalhadores da ICOMI, recuperando o período marcado pela distância, mas significativo para a pesquisa.

Em síntese, os materiais que são conseguidos através da história oral a partir de posições pessoais ou de agregados, representam a percepção social dos fatos; além disso, estão sujeitos a pressões sociais do contexto em que são obtidos. Segundo Thompson (1992: 145) o que chega até nós é o significado social e, este é o que deve ser avaliado. Este é o caso do discurso de um antigo morador da Serra do Navio) hoje morador da comunidade de Água Fria, que foi dono de uma propriedade onde se localizava uma das minas exploradas pela ICOMI, a F12, e um dos moradores mais antigos daquela área. O seu discurso se apresenta de forma mecânica, ou seja, o que nos leva a crer que ele memorizou algumas falas. Ele apresenta uma espécie de relato-denúncia contra a mineradora que comprou o seu sítio para explorar a mina que ali se localizava que segundo ele, foi a mina que mais deu lucro para a mineradora.

Daí ressaltar a importância de se conciliar a problemática da pesquisa com um prévio roteiro, para evitar possíveis desvios, porém em alguns casos, como a conversa com o Sr. João Farias, isso não foi possível, dada a característica do discurso “mecânico” do entrevistado, o qual não permitia nenhum tipo de intromissão ao falar.

Deve-se considerar que, segundo Richardson (2008), os fatos podem e devem ser mencionados, pois constituem a matéria-prima da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. É imprescindível então, que o pesquisador faça a sua interpretação, sintetizando a informação recopilada, determinando tendências e generalizando seus significados.

A entrevista, tendo por base os fundamentos da História Oral, contribui enormemente no preenchimento, com os relatos dos interlocutores, das lacunas que a fragmentação e a cegueira pessoal apresentam. Com relatos ricos de experiências daqueles que se pretende

entrevistar, a escavação da memória de uma comunidade ou de um sujeito amplia a visão do pesquisador sobre a comunidade que estuda. Um relato de um sujeito da comunidade estudada pode ser muito esclarecedor e apontar direcionamentos que a pesquisa anteriormente desconhecia ou pode, junto com outros relatos semelhantes em fatos comuns, trazer à luz da pesquisa fatos e acontecimentos importantes sobre a realidade que se pretende estudar.

Conhecer uma comunidade, como dito anteriormente, requer um trabalho de escavar nas profundezas da memória a sua história ao longo do tempo. A entrevista, com seu trabalho de gravá-la, transcrevê-la e analisá-la, se constitui em um exercício de estudo amplo, a partir do qual se podem abarcar décadas ou vários eixos de análise, como seu surgimento e transformações, sobretudo no que concerne às práticas socioespaciais e ao modo de vida.

Porém, é importante ressaltar que quaisquer que sejam as fontes históricas (fotografias ou depoimentos), elas são apenas evidências de momentos de experiências de vida e, para serem recuperadas e trazidas à nossa perspectiva, ao definir o objeto, elas têm de ser trazidas a partir de questionamentos, pois só assim os fatos vão responder com sua própria voz, através de perguntas feitas pelo historiador. É por isso que o materialismo histórico é tão válido na História como ciência, pois vem levantar questões sobre a construção da sociedade. E, ao acreditar que a produção do conhecimento é social, acredita-se também que o historiador, ao produzir o conhecimento, está envolvido com ele a partir do seu presente e da sua posição no social.

Em todo caso, esse discurso repercutia no cotidiano do trabalhador, pois este era marcado, principalmente, pela busca constante do aumento da produtividade acompanhada do respeito à rígida disciplina e à hierarquia. Para que se entenda como ocorre esse controle social é preciso atentar para o fato de que os fenômenos ideológicos estão submetidos às condições e as formas de comunicação social. A linguagem, seja oral, escrita ou iconográfica, constituem-se no modo mais nítido de verificar os aspectos semióticos e ideológicos dos programas sociais de comportamento. Desse modo, observa-se no discurso do Sr. Antunes que a linguagem é impregnada de ideologia e está relacionada com as condições em que os discursos sociais são produzidos, como afirma Bakhtin (1997) que o “estudo do discurso é inseparável da análise das condições de produção do texto”.

Imagem

A fotografia, como pedaço congelado do passado, também é mais um dos fragmentos do espaço retratado. A busca em registrar o local em sua totalidade e o que nele contém é um caminho infrutífero, já que a imagem não pode incumbir-se de captar a completude e a complexidade do ambiente que rodeia o fotógrafo-pesquisador no momento da fotografia. A lente da câmera é que vai determinar a porção do espaço fragmentado a ser capturado. No

futuro, tudo o que ficou de fora deste foco, no momento da visualização da fotografia, não será parte conhecida e, portanto, não existente para a mente de quem observa a imagem. Visualiza-se, portanto, um dos problemas da imagem fotográfica no registro de campo em pesquisa, problema este que não pode ser solucionado pela fotografia tão somente, podendo ser amenizado a partir do relato dos depoentes e/ou fotógrafo sobre o ambiente que circunda a imagem. Eis a importância da utilização de ambas as técnicas para se desvendar a realidade estudada.

A fotografia é uma das muitas formas que podemos recordar o passado, uma memória irrefutável;

[...] o tempo que altera as pessoas não modifica a imagem que guardamos delas [...] pois a memória, ao introduzir o passado no presente, suprime exatamente essa grande dimensão do tempo, de acordo com a qual a vida se realiza, segundo Marcel Proust. Ao o que Bachelard acrescenta: a memória e a imaginação não admitem dissociação. Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão da lembrança e da imagem. (LEITE, 1998: 38)

A imagem a ser estudada não é somente uma alegoria do trabalho acadêmico, mas faz parte de seu mais caro conteúdo de análise. Assim sendo, a descrição da fotografia, mesmo que breve, seja por parte dos depoentes, seja por parte do historiador, faz-se necessária e em alguns casos, imprescindível. Leite (1998) corrobora com esta posição, no que concerne à união da imagem e da escrita:

Portanto, embora habitualmente a linguagem visual seja considerada de transmissão direta, ela acaba tendo uma postura parasitária em relação à linguagem verbal. E, apesar de as palavras não conseguirem evocar exatamente a imagem que se propuseram (basta verificar os fracassos em transposições de obras literárias para o cinema e para a televisão), as imagens visuais precisam das palavras para se transmitir e, frequentemente, a palavra inclui um valor figurativo a considerar. (LEITE, 1998: 44)

As fotografias, quando empregadas desta forma, aliada ao senso crítico do pesquisador e sua análise posterior, podem resultar em compreensões mais abrangentes das comunidades e suas problemáticas. As fotografias de natureza, das casas, de objetos de trabalho e principalmente do cotidiano, complementam a visão do pesquisador no momento que este, fora da comunidade, passa a estudá-la a partir dos dados que possui. A memória do pesquisador e dos depoentes se ativa ao observar uma fotografia da comunidade, e os fatos que o pesquisador conseguiu absorver quando lá esteve podem ser mais facilmente recuperados dentro de sua análise.

Isso quer dizer que muitas vezes é através de retratos que percebemos como era a vivência e cultura da época. No retrato vemos os detalhes minuciosos que sem ela não poderíamos tomar conhecimento. É muito interessante a maneira como Kossoy (2002) coloca a fotografia e a memória. A ressalva que ele faz é muito importante, pois é exatamente dessa maneira que retomamos o passado. Através de retratos antigos relembramos rostos de pessoas que foram importantes, que conhecíamos ou não, onde nos damos conta de quantas pessoas fizeram parte da nossa história, como pessoa ou como moradores. Kossoy (2002: 130) ainda diz: “É o espetáculo da cidade, identificável pela aparência gravada na imagem fotográfica: precioso documento, que preserva a memória histórica”.

Para melhor contextualizar a fotografia e a memória e transcrever exatamente o que convém ao olhar do pesquisador quanto ao problema estudado, cabe uma citação de Dill (2009) que diz:

Através dela e da fala dos colaboradores teve-se informações de objetos, indumentária, desenvolvimento urbano, habitação, transporte, costumes domésticos e mecanismos de difusão cultural da moda. [...] Através da fotografia, o imaginário se desloca para determinada época e recria um momento histórico daquela cultura que poderia ser mediadora das relações humanas com a sociedade, expressa pelas roupas que vestem os personagens fotografados. (DILL, 2009: 11)

Entende-se assim o quanto os relatos de pessoas que contribuem para melhor entendimento do retrato visualizado são importantes. Os relatos orais desses colaboradores/depoentes nos levam a reviver o passado de tal maneira que parece que presenciamos tal fato registrado. Fazemos uma colagem imaginária de como tudo era em nossas mentes. O propósito desses registros fotográficos é trazer lembranças antigas e despertar em outras pessoas o assunto revivido na fotografia, para que algumas memórias não se percam no tempo sem que ninguém as conheça.

Kossoy (1989) acredita nesse poder da fotografia em trazer a tona à mente o que ora estava esquecido:

O fragmento da realidade gravada na fotografia representa o congelamento do gesto, da paisagem e da perpetuação de um momento, isto é, a memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana da natureza. (KOSSOY, 1989: 101)

A fotografia tem como principal função essa cristalização da imagem, para a recordação de um momento vivido, uma lembrança, ou melhor, um apontamento para uma futura memória.

Ela recupera a presença de pessoas que amamos e que não estão mais presentes entre nós, mas deixam sua marca através de retratos. Ela tem o mérito de expor a evolução, isso no caso de uma cidade, de uma cultura.

A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo. Certas imagens carregam em si um forte conteúdo simbólico, como algumas de nossas próprias fotos pessoais ou familiares. Quando nos vemos nos velhos retratos dos álbuns, temos a constatação concreta de que o tempo passou; a fotografia é espelho diabólico que nos acena do passado. (KOSSOY, 2002: 137)

Como bem nos indica Borges (2011), assim como o fotógrafo, o historiador também seleciona, corta e reúne documentos. Ao lançar mão dessas estratégias de pesquisa, o historiador visa entender melhor seu objeto de análise, empreendendo vários esforços para tal. Esta operação, no entanto, é guiada por teorias e conceitos sem os quais seria impossível compreender os sentidos que os atores sociais atribuem à suas práticas e às suas representações.

É justamente dessa forma que as representações sociais enquanto senso comum, ideias, imagens, concepções e visão de mundo que os autores sociais possuem sobre a realidade, são materiais importantes para o objetivo proposto, pois como Moscovici (2003) enfatiza, elas são o objeto de um permanente trabalho social e, através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente aceitáveis.

Cabe aqui uma discussão mais pontual sobre a questão da representação, pois, a partir do momento que a história se aproximou das demais disciplinas das ciências sociais, notadamente, a antropologia, esse conceito passou a fazer parte do vocabulário histórico. No entanto, a categoria de representação, tal como tantos outros conceitos tomados emprestados pela história, na tentativa de alargar seus horizontes teóricos, merece um pouco mais de atenção, dada a sua característica polissêmica, como nos aponta Mauad (2008):

Devedor da tradição sociológica inaugurada por Norbert Elias, Chartier define representação a partir de um outro conceito que, na verdade o fundamenta. O conceito fundador é de *habitus*. Para Elias (1992), *habitus* é a forma de sentir e agir não-reflexiva, o equivalente a uma segunda natureza que, através da disciplinarização das pulsões e do autocondicionamento psíquico, vai, pouco a pouco, estruturando a personalidade humana.

O *habitus*, dentro de tal perspectiva, constitui a matriz a partir da qual os códigos de comportamento e as estruturas sociais são internalizadas historicamente. Em se pensando desta forma, o conjunto de experiências sociais vivenciadas pelos indivíduos, dentro deste processo,

nas diferentes etapas de sua vida, estaria sendo orientado pelo *habitus* de classe, limite e condição das representações sociais.

Daí a ressalva interessante de Maud (2008) no que concerne a utilização da fotografia para os estudos históricos, pois ela enfatiza que como representação que a fotografia o é, ela não pode ser dissociada do ato que a fundamenta, ou seja, também se fundamenta num *habitus*. Muito mais do que uma mensagem que se processa através do tempo, a fotografia atualiza no tempo, o referente que a engendrou. Por isso que, antes de representar, a fotografia aponta, indica e designa.

Assim sendo, o fundamental é diferenciar esta forma de presença daquela tratada por Chartier, que se relaciona à encenação e ao constrangimento. Certo é que as fotografias veiculadas pela imprensa ilustrada, através do periódico ICOMI NOTÍCIAS, contribuíram, de maneira decisiva, para a veiculação de novos comportamentos e representações de classe no poder. Por outro lado, a imagem fotográfica encomendada pela ICOMI, atuou como eficiente meio de controle dos comportamentos e representações da maioria dos grupos que a antagonizaram na dinâmica social, principalmente devido a sua pretensa objetividade.

Muitos são os artefatos que podem elucidar imagens próprias da realidade que se pretende estudar, como os noticiários sociais locais, por serem capazes de informar como era feito o controle social. Os periódicos mensais ICOMI Notícias, editados pela própria empresa, cujos conteúdos nos informaram alguns dos artifícios utilizados pela empresa para disciplinar seus trabalhadores, como por exemplo, homenagens e premiações para os trabalhadores que conseguissem atingir os objetivos propostos por ela. Estes periódicos são impressões de excelente qualidade, produzidos no Rio de Janeiro, com fotos nítidas e coloridas, novidade na época, distribuídas entre os funcionários.

Certo é que o ícone, que é a imagem fotográfica, não é a própria realidade, pois existe um caminho que se interpõe entre os dois extremos da linha de significação: o caminho do olhar. Daí a possibilidade de representar, conceber e criar. Ao historiador ficou reservado o direito de poder trabalhar na tradução deste olhar. A escolha, como tantas outras, é arbitrária. Da mesma forma que a representação, a interpretação é uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, escolheu-se uma linha de interpretação que buscasse encontrar não a realidade, mas uma entre tantas verdades. Essa é uma das contribuições mais interessantes de Maud (2008) dentre toda a sua vasta produção sobre fotografia e história, pois desta forma, ela deixa claro que o que fica para o historiador, sujeito este de um novo sentido, é “o desafio de aperfeiçoar sua capacidade em decifrar pistas, compreender indícios e avaliar sinais” (MAUD, 2008: 140).

Nas representações da memória dos trabalhadores da ICOMI, a organização espacial aponta para a conquista do espaço que outrora era apenas floresta e agora se transformara numa cidade. É justamente na cidade que se usufrui a riqueza, que se educam os filhos e que se

encontram os iguais, pares de uma mesma classe. Com efeito, foi a partir de tais dimensões que as fotografias das revistas ilustradas, como a ICOMI NOTÍCIAS ou os jornais locais podem ser analisados. Nestas imagens as luzes e sombras da cidade compuseram textos muitas vezes diferentes dos escritos, outras auxiliares deste. Nas fotos uma cidade diferente no seio da selva amazônica, possível para uns e interdita para outros.

Enfim, o trabalho de decodificação dos quadros de representação mental funciona como aquele jogo infantil no qual se vai tirando uma caixa de dentro da outra, parecendo não ter mais fim, metaforicamente apontada por Mauad (2008). Na análise de materiais significantes visuais, variando do eixo de análise que se estrutura, diferentes são os significados encontrados, mas sua escolha é fundamental, pois caso contrário, as caixas realmente não teriam fim.

A fotografia deve ser considerada como um artigo cultural, fruto do trabalho social de produção de signos, assim sendo, contribuirá, de maneira decisiva, para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe no poder. Por outro lado, não podemos esquecer que a imagem fotográfica atuou como eficiente meio de controle dos comportamentos e representações da maioria dos grupos que a antagonizavam na dinâmica social, devido principalmente a sua pretensa objetividade.

Freund (1993) aponta esse potencial da fotografia em reproduzir a vida social, mas destaca que não podemos ser ingênuos o suficiente para acreditar numa imparcialidade dessas imagens:

Por eso, más que cualquier outro médio, la fotografía pose ela aptitud de expresar los deseos y las necesidades de las capas sociales dominantes y de interpretar a su manera los acontecimientos de la vida social. Pues la fotografía, aunque estrictamente unida a la naturaliza, sólo tiene una objetividade factícia. El lente, esse ojo supuestamente imparcial, permite todas las deformaciones posibles de la realidade, dado que el carácter de la imagen se halla determinado cada vez por la manera de ver del operados y las exigências de sus comandatarios. (FREUND, 1993: 08)

Desta forma, tanto para o controle das relações sociais, como para a ampliação do universo de consumo, principalmente as fotográficas, as imagens são fundamentais, pois trazem embutidas no seu arranjo programas sociais de conduta elaborados por quem controla os meios técnicos de produção da imagem, reforçando com isso o controle das representações alternativas e garantindo a própria reprodução do sistema.

O poder da imagem fotográfica: A ICOMI no Amapá

Uma modalidade de história que deixa de olhar para as grandes batalhas, as importantes lutas de monarcas, para se voltar para os pequenos acontecimentos, que direciona sua atenção

aos heróis anônimos, àqueles que são excluídos da história tradicional é o que deseja micro-história. Tudo isso repercute na amplitude que a noção de documentos passa a ter, uma vez que a partir de então, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, a fotografia, os símbolos foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador.

Para tanto, a análise do discurso será mais uma vez um instrumento aliado da presente pesquisa, visto que considera que a linguagem não é transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A análise do discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido.

Para Orlandi (2007) a análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Procurou-se, assim, entender as imagens captadas na época, sejam elas feitas pela empresa ou as que estavam no acervo de particulares. A Figura 1 demonstra um momento em que os moradores da residência da Vila Operária da ICOMI, Serra do Navio, conversam descontraidamente no seu interior sem saberem que estão sendo fotografados, contudo, a ideia reforçada pela imagem é noção de progresso e trabalho, onde a frase justifica que ela estaria trazendo o progresso para a região.

Figura 1: Pessoas conversando no interior de uma residência do Staff



Fonte: ICOMI Notícias, 1964

Exatamente por isso que se buscou também na leitura entrecruzada das documentações priorizadas para o trabalho: entrevistas, relatórios da empresa, bem como os manuais de organização, indícios que possibilitassem entender o uso do Território e o controle exercido pela administração da vila Serra do Navio sobre o espaço de circulação dos funcionários e a maior quantidade e diversidade de empregados que influenciam numa maior pluralidade de posicionamentos desses indivíduos diante das várias normas de conduta e disciplinarização implementadas pela companhia. E, através da redução da escala de análise aos trabalhadores de Serra do Navio, procurou-se respeitar as suas diversas vivências acerca do projeto.

Pretende-se assim, revelar alguns aspectos referentes ao cotidiano dos trabalhadores de Serra do Navio, entendendo-o não apenas como uma relação de dominação, conforme nos indica Foucault (1979) ao fazer suas assertivas sobre o poder, mas como uma complexa dinâmica de dominação, subordinação e resistência. Expondo como as formas de controle social efetivadas pela ICOMI foram utilizadas como estratégia de poder junto aos seus trabalhadores, subordinando-os às estratégias, normas e modelos de comportamento mais adequados aos interesses da Empresa, para garantir a apropriação do Território.

É de sublinhar que a hierarquização resultante da combinação dessas diversas formas de controle social correspondia a uma estratificação das condições de inserção dos trabalhadores no processo produtivo propriamente dito.

Ao se analisar os símbolos, jornais, iconografias, festividades o que se percebe é que a empresa buscou impor o seu poder em todos os meios de transmissão, os quais possuíam uma carga ideológica onde as suas pretensões prevaleceram sobre as demais, diante do ocultamento de suas reais pretensões. Nesse sentido, a ideologia passa a ser um instrumento de legitimação e dominação do poder da empresa e passa a ser usada para justificar a organização e o controle exercido por ela.

As próprias imagens divulgadas incessantemente pelos meios de comunicação pelos quais dispunham a empresa trazem consigo esta noção de redenção, sem contudo, esclarecer que após a saída dela, e ainda no seu entorno, as pessoas continuam a fazer uso de tais moradias.

A forma como a população vivia antes da chegada da ICOMI é vista como de uma extrema carência. Essas peculiaridades regionais são ressaltadas corriqueiramente sem se fazer um questionamento se realmente essas condições refletiam uma pobreza ou um estilo de vida próprio da região. (FIG. 2).

Figura 02: Foto da década de 1940 ressaltando as condições em que vivia a população antes da ICOMI.



Fonte: Ribeiro, 1992

Ao relacionar a pobreza local com as representações do abandono, da carência, o fotógrafo contratado pela ICOMI punha suas imagens a serviço dos discursos da empresa no que tange ao desenvolvimento trazido por ela para a região amazônica, as suas práticas de políticas sanitaristas apenas dentro das vilas operárias, das reformas urbanas empreendidas no raio de ação do projeto, convencendo a todos os envolvidos a adesão as leis de controle e disciplinarização do trabalho.

Em meio a tais transformações empreendidas pela empresa no raio de ação da mineradora, criou-se o pânico da habitação desordenada, das multidões sem identidade própria, imediatamente identificadas com a desordem. Para manter o controle a empresa cria uma série de Normas de Procedimentos, alicerçados a um enorme sistema de punição em forma de advertência, suspensão e até demissões que as revistas se encarregavam de divulgar. Texto e imagem compunham a nova linguagem destinada a domesticar e espaço na região amazônica.

Contudo, o que se observa após a saída do empreendimento é a permanência desse estilo de vida típico das populações ribeirinhas, conforme observado na Figura 3, e percebe-se que quase nada mudou em relação à moradia, após seis décadas:

Figura 03: Casas na Vila do Elesbão, no entorno do complexo ICOMI em Santana



Fonte: Diniz, 2008.

Ainda sobre o aspecto de como a ICOMI concebia a instalação de apoio e infraestrutura, ela encarava isso como um favor que estava prestando para a população local, sem entender que o empreendimento e, conseqüentemente todo o lucro que ele traria, estava condicionado à instalação e manutenção de toda essa infraestrutura.

Assim sendo, longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade e, conforme ressalta Borges (2011), mais do que a palavra escrita, a pretensa objetividade da imagem fotográfica, veiculada nos jornais, não apenas informa o leitor sobre as transformações do tempo curto, como também cria verdades a partir de fantasias do imaginário quase sempre produzidas por frações da classe dominante.

Conforme verificado na própria organização das casas da vila, havia também uma hierarquização entre os funcionários de nível operário, mais especificamente, entre aqueles que visivelmente exerciam cargos e funções semelhantes. De certa forma, esse é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo se inscreva na história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade (FOUCAULT, 2008: 47). As imagens permitem que as palavras “colem” com as coisas. Ao se analisar os símbolos, jornais, iconografias, festividades o que se percebe é que a empresa buscou impor o seu poder em todos os meios de transmissão, os quais possuíam uma carga ideológica onde as suas pretensões prevaleceram sobre as demais, diante do ocultamento de suas

reais pretensões. Nesse sentido, a ideologia passa a ser um instrumento de legitimação e dominação do poder da empresa e passa a ser usada para justificar a organização e o controle exercido por ela.

Considerações finais

Fotografias e relatos orais são artifícios muito eficazes para “resgatar” a memória. O relato oral rememora o passado, mas se for feito a partir de um diálogo com textos presentes, como a fotografia, essa memória poderá vir a tona com mais facilidade, pois a cooperação com palavras e imagens é tão antiga quanto a necessidade de comunicação da espécie humana, como já é bem sabido.

A tarefa intertextual, com o uso indissociável de diferentes tipos de artefatos históricos, confere como imprescindível a busca de outras evidências. No entanto, esta premissa, não tem como escopo a busca de uma veracidade que estaria oculta no entrecruzamento histórico, ou ainda, que evidenciasse que o que foi dito “aconteceu de fato”. Por isso que o cruzamento do documento visual com os depoimentos orais torna-se um imperativo para responder as questões tipicamente históricas. Essa é uma operação que também requer a combinação de diferentes métodos de pesquisa.

O que se coloca como embasamento epistemológico desse tipo de trabalho é muito mais o caráter fértil que tanto a fotografia como a história oral podem ter, pois elas criam verdades a partir de fantasias do ideal. A diferença é que a fotografia quase sempre é produzida por frações da classe dominante. Através da mensagem fotográfica são traçados o perfil do universo de representações e os principais códigos comportamentais da classe dominante.

A importância da fotografia não reside apenas no fato de ser uma criação, mas sobretudo de que é um dos meios eficazes de moldar nossas ideias e de influenciar em nosso comportamento. Feitas essas advertências e ciente das suas especificidades, de seus alcances, limites e de suas particularidades, vale ressaltar que o historiador que escolher usar a fotografia deve saber também que o olhar do fotógrafo pode ter sido motivado por intenções distintas das que norteiam a pesquisa do historiador. Daí enfatizar que imagens só falam se perguntas lhes forem feitas.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da Criação Verbal. 2a. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1997.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011

DILL, Aidê Campello. **História e Fotografia**: fragmentos do passado. Porto Alegre: Martis Livreiro Editor, 2009

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 13. ed. São Paulo: Graal, 1979

_____. **As Palavras e as Coisas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1993.

GARRIDO, J. Del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica. **Revista Brasileira de História**, n. ° 25. São Paulo: Marco Zero, 1993.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigma do passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hecitec, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989

LE GOFF, Jacques (Org.), “Enciclopédia Einaudi”, Volume I, Lisboa, Casa da Moeda, 1985.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2007.

RIBEIRO, Benjamin Adiron. **Vila Serra do Navio**: Comunidade urbana na selva amazônica. São Paulo: Pini, 1992.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: Métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

Abstract

This paper discusses the combined use of oral history with photography as a possibility to fill gaps arising from the absence of the ideal document, ie, one who could answer all the questions the researcher to study the social control exercised by Industry Ores and Trade S/A (ICOMI) on its workers in the exploration of manganese in Amapá. For that, a few caveats about the scope, boundary, peculiarities and similarities on both techniques were light throughout the text.

Keywords: Oral history, photography; ICOMI